

CURSO DE TÉCNICAS HISTOLÓGICAS EM LIBRAS RESULTADOS E PERSPECTIVAS

MÔNICA MENDES GARCIA¹; LAURA BEATRIZ OLIVEIRA DE OLIVEIRA²; MARIA GABRIELA TAVARES RHEINGANTZ²; LUCIANE DA SILVA MARTINS²; ELIANE FREIRE ANTHONISEN²; ROSANGELA FERREIRA RODRIGUES³

¹*Universidade Federal de Pelotas – monica.mgarcia@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas*

³*Universidade Federal de Pelotas – rosangelaferreirarodrigues@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Segundo censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 9,8 milhões de brasileiros possui deficiência auditiva, o que representa 5,2% da população brasileira. Por isso em 1991 passou a vigorar a lei que determina que “A empresa, com 100 (cem) ou mais empregados está obrigada a preencher de 2% (dois por cento) a 5% (cinco por cento) dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência” (BRASIL, Lei nº 8.213, Art. 93, 1991). E no Brasil, em 24 de Abril de 2002, a Língua de Sinais foi oficialmente reconhecida pela Lei nº 10.463/2002 e passou a ser a segunda Língua Brasileira. Estas ações foram esperadas e apoiadas pela maioria dos brasileiros, entretanto observa-se que ainda é necessário promover a habilitação profissional, para que possam alcançar a qualificação necessária para o ingresso efetivo no mercado de trabalho. A inserção com a devida qualificação tem o poder de transformar situações de isolamento social em integração efetiva. Além de ser fonte de realização pessoal e formação de identidade, pois todo indivíduo anseia pelo momento em que sua força de trabalho permita que adquira sua independência econômica e se sinta produtivo dentro do ambiente social em que vive; desejo comum a toda e qualquer pessoa. Portanto, o deficiente auditivo deve ter garantido seu acesso a todas as vantagens e oportunidades como qualquer outro cidadão.

Por outro lado a “inclusão” sem critério incorpora a pessoa surda sem o preparo adequado para tornar-se produtivo, o que gera um ambiente sem trocas de aprendizado e experiências. Segundo VIANA (2010) a integração social é necessária para que se sinta como parte do grupo e realmente incluído no ambiente de trabalho. Com cursos de capacitação os alunos sairão para o mercado de trabalho, com a confiança adquirida pelo conhecimento aliado à prática. E com o suporte necessário para construir a sua autonomia, por apropriar-se do conhecimento, que não deve ser priorizado aos ouvintes, mas disponível a todos, como ferramenta essencial para vencer as barreiras do preconceito e exclusão.

Uma sociedade inclusiva não pode enfatizar as características que diferem ouvintes e deficientes auditivos e utilizá-las como empecilho, pelo contrário, uma sociedade democrática requer adaptação aos seus cidadãos a fim de equipará-los (SASSAKI, 1997). Desta forma, devemos explorar as individualidades e apostar no potencial do portador de necessidades especiais, pois “a sociedade inclusiva tem como principal objetivo oferecer oportunidades iguais para que cada pessoa seja autônoma e autossuficiente” (FEBRABAN, 2006). E propiciar não somente obter uma colocação no mercado de trabalho, mas ter a oportunidade de nele progredir, pois este é o alvo salientado no Decreto nº 3.298/1999, Art. 32.

Desta forma, o objetivo do trabalho foi realizar a capacitação de pessoas surdas através de um curso de técnicas histológicas, no qual priorizamos aulas práticas e realizamos as devidas adaptações, explorando o recurso visual que é a primeira ferramenta que utilizam na busca da comunicação.

2. METODOLOGIA

O curso foi desenvolvido com os alunos do Colégio Municipal Pelotense que participaram do projeto intitulado “Curso de Técnicas Histológicas em LIBRAS: Um intercâmbio de aprendizado entre a UFPel e alunos do Colégio Municipal Pelotense”, ministrado no laboratório de Histologia do Departamento de Morfologia da UFPEL. O Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Específicas – NAPNE – IFSul, a SMED e o laboratório de Anatomia Patológica de Pelotas, atuaram como parceiros e os professores e técnicos da disciplina de Histologia, graduandos do curso de Farmácia e do curso de Engenharia Eletrônica do IFSul, pós-graduando do curso de Zootecnia e intérpretes, fizeram parte da equipe executora.

O curso iniciou com quatorze (14) alunos do Ensino Médio divididos em duas turmas de sete (07) que participaram de aulas práticas uma vez por semana. Foi realizada a adaptação do ambiente físico, com placas indicativas no alfabeto manual em Libras, na entrada da Faculdade de Medicina e entrada do prédio da Histologia. As vidrarias e equipamentos também receberam identificação similar.

A primeira atividade com os alunos foi à apresentação de vidrarias e equipamentos do laboratório de preparo de lâminas. Neste primeiro dia foi esclarecido que não ficassem preocupados em gravar nomes. No transcorrer das aulas para tornar essa atividade mais fácil, periodicamente foi solicitado que apresentassem o nome da vidraria ou equipamento em libras para os colegas. Essa atividade sempre foi realizada com o acompanhamento da intérprete, que traduzia os sinais de forma oral, para familiarizar a equipe com a língua de sinais e para ajustes na identificação. Além disso, para fixação da nomenclatura desses materiais de forma lúdica e interessante foi desenvolvido um software, com um banco de dados, que possibilitou testar a evolução do processo de ensino-aprendizagem e um blog para postagens das atividades e interação.

A segunda atividade abordou as normas de segurança e de conservação dos equipamentos do laboratório, através de uma dinâmica em que erguiam placas com a indicação de confirmação ou negação, à medida que a intérprete repassava alternativas. Cada alternativa foi explicada e debatida a importância da utilização dos EPI (equipamento de proteção individual). Ao final da atividade uma gravura semelhante ao “jogo dos sete erros” foi distribuída para identificação das violações das normas e fixação do conteúdo.

A terceira atividade foi o preparo de soluções, na qual realizaram etapas, como pesagem, diluição na proporção adequada, acondicionamento e identificação, com observância das normas de segurança relacionadas a cada situação. Nesta atividade, além de ensinar o mecanismo de pesagem em balança, foi necessário repassar conhecimento de cálculo e ensinar o sistema de aferição de concentração de solução. Como o sentido mais apurado em pessoas surdas é a visão, concentrarmos esta atividade neste sentido, minimizando a interferência da interprete ao mínimo necessário para a compreensão.

Após estas atividades preparatórias, as técnicas histológicas foram repassadas através de demonstração prática, em que visualizaram as etapas de cada fase do processo com exposição oral e concomitante interpretação na língua

de sinais. Em cada atividade prática receberam um roteiro com os passos referentes à atividade do dia. No final de todas as atividades foi fornecido um manual denominado de “Manual de Técnicas Histológicas e Citológicas” com todas as atividades realizadas, elaborado por alguns professores da equipe executora, com a ajuda da intérprete e adaptado para a utilização pelos alunos surdos.

Após observarem todas as etapas do processo, receberam a amostra de um órgão para processar. À medida que esperavam os períodos de processamento, aprenderam a utilizar o microscópio, a reconhecer determinados tipos de tecidos e a capturar imagens das lâminas histológicas confeccionadas. Processaram várias amostras para entender o fundamento do processo e adquirir a prática necessária. E como forma de aprimoramento, realizaram atividades de simulação no ambiente de trabalho, no laboratório de Histologia e no laboratório de Anatomia Patológica, com assessoria de técnicos e da intérprete.

As avaliações ocorreram periodicamente através de testes, atividades dinâmicas, jogos, reconhecimento dos materiais e através do software. A equipe executora também foi avaliada, através de declarações dos alunos referentes à clareza e objetividade da exposição das técnicas.

Para avaliação final do projeto foi realizado um evento no auditório do Colégio Municipal Pelotense. Foram convidados todos os integrantes da equipe executora, os parceiros, os familiares, representante da PREC, a assistente social responsável pela oportunidade de estágio na empresa e pessoas da comunidade que direta ou indiretamente participaram do projeto. O projeto foi apresentado, os certificados foram entregues e no final foi oferecido pela equipe um coquetel para os presentes. A análise dos aspectos positivos e negativos e sugestões, registrados pelos parceiros, foram avaliadas quanto a sua viabilidade, para aplicação no curso que está sendo oferecido, com ampliação para técnicas de imunohistoquímica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi observado que o uso do software (Fig. 1) propiciou familiarização com denominações desconhecidas e facilitou a apreensão da nomenclatura de equipamentos e vidrarias, o que foi confirmado pela análise do banco de dados. Repassarem a nomenclatura através da língua de sinais permitiu a apropriação do alfabeto em libras pela equipe executora. A dificuldade de entendimento da Língua Portuguesa, foi superada pela elaboração de um manual objetivo e adaptado, aliado a interação prática (Fig. 2) e a utilização de objetos, cores e imagens significativas que levaram a apreensão do conteúdo. Na atividade inerente ao processamento, que consiste em etapas repetitivas, mas com reagentes distintos, os alunos demonstraram capacidade excelente para memorização visual, o que foi confirmado por testes de fixação em que ordenaram as etapas do processamento. Na manipulação do micrótomo, no uso do sistema de captura de imagens e do microscópio conseguiram reproduzir os passos para a visualização do material com muita facilidade, apesar de não serem equipamentos utilizados rotineiramente. O uso do blog (<http://histolibras.blogspot.com.br>) foi uma ferramenta útil na difusão de informações sobre o curso e intercâmbio entre a equipe executora e alunos, pois permitiu integração e facilidade de comunicação e contém os trabalhos apresentados em um evento internacional e três eventos nacionais. Observamos que todos os recursos utilizados facilitaram a comunicação e contribuíram para a integração, entusiasmo por um futuro promissor, elevação da auto-estima e revelação de muitas habilidades, conforme relatadas nos locais de estágios, nos

quais 78% alunos egressos foram inseridos. O evento de encerramento do projeto evidenciou a importância de propiciarmos ações que promovam a qualificação de pessoas com necessidades especiais, pois todos estavam presentes com seus familiares, determinados a galgar os passos para a autonomia. Portanto, as perspectivas são de oportunizarmos monitoria para alguns alunos egressos, incentivar o ingresso em cursos de graduação na área biológica e os inserir na iniciação científica.



Fig. 1- Utilização software



Fig. 2 – Atividades práticas

4. CONCLUSÕES

Concluímos que a realização de atividades práticas e a utilização de recursos visuais facilitou o processo de ensino aprendizagem e revelou que alguns alunos surdos possuem muitas habilidades que precisam ser instigadas. Principalmente uma grande capacidade de concentração e memorização visual, características excelentes para atuação em laboratórios.

Agradecimento: Ao apoio financeiro do PROEXT – MEC/SESU

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Planos de Benefícios da Previdência Social. Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. Presidência da República, Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos, DF, 1991. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm Acesso em: 16/07/2014.

BRASIL, Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Presidência da República, Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos, DF, 1999 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3298.htm Acesso em: 16/07/2014.

FEBRABAN, 2006. Disponível em: http://www.febraban.org.br/arquivo/cartilha/publicacao_inclusao.asp. Acesso em: 03 Mar. 2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010). Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br> . Acesso em: 03 Mar. 2013.

SASSAKI, R. K. Inclusão. Construindo uma sociedade para todos. R.J:WVA, 1997.

VIANA, A. S. A Inserção dos Surdos no Mercado de Trabalho: Políticas Públicas, Práticas Organizacionais e Realidades Subjetivas, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www2.unigranrio.br/pos/stricto/mest-adm/pdf/dissertacoes/dissertacao-alvanei-dos-santos-viana.pdf> Acesso em: 16/07/2014.